

SALVADOR, 2 de outubro de 1964

Caríssimo Glauber,

só hoje respondo sua carta sem data e lhe mando a crítica para o livro (está inédita, se você quiser usá-la antes para algum outro fim, tem o direito que daqui lhe dou). Tentei uma definição de sua personalidade e de filme. Se alguma coisa lhe desagrade, aceite-a como uma prova de sincero que sempre sou. Nem julgue exagerados os louvores — é também o que sinto e penso. Já apenas não sei se escrevi um bom artigo, se interpretei realmente seu pensamento. Aliás, procurei fazer um artigo apenas informativo, embora existisse interpretativo, quanto à sua vida anterior, ligando-o à cultura baiana no justo e certo; no tocante a "DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL", limitei-me a interpretação conforme seu pedido. Se demorei de escrever a coisa é porque minha existência atual aqui cada vez mais me atormenta a vários títulos, cada vez sou menos dono de mim, prisioneiro da família e de outras prisões, a da função pública, a da advocacia, etc. Você sabe. Não sei se está bem o título do artigo. Se não gostar, se não estiver de acordo com o plano do livro, dê-lhe outro título, porém dentro do sentido do artigo. Estou na velhice aprendendo a humildade.

O filme não foi muito bem aqui; a burrice desta província é grande. Mas, virou polêmica. Inclusive começou nas ruas, nas livrarias, na Justiça do Trabalho, etc. Muitos ficaram indignados porque na apresentação, do palco do Guarani, eu comparei você a Castro Alves. Pois bem; agora, no artigo, procure justificar amplamente a comparação. Pior para os burros. Talvez que agora Godofredo Filho e Carvalho, bons amigos, desistam de me pôr na Academia; quem lá vai ter peito de votar em quem compara um cineasta com um poeta? Mas, creio que o Guglielmo Mendes poderá lhe dar pessoalmente as informações.

Que vai você fazer agora, em matéria filme?

Abra